

**Uma excepcionalidade moderna**  
**A qualidade do projeto do Instituto de Puericultura da UFRJ e seu impacto na**  
**paisagem da Cidade Universitária**

SESSÃO TEMÁTICA: ET4: Dimensão histórica e patrimonial do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem

Leonardo Rodrigues Mesquita Santos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
E-mail: leonardo.rodrigues@fau.ufrj.br

**RESUMO**

Os espaços livres urbanos produzidos pelo movimento moderno foram alvo de críticas incisivas. Destacaram-se como aspectos negativos: a abstração provocada pelo planejamento funcional da cidade; a ausência de escala humana dada à priorização ao fluxo eficiente de automóveis; e a ausência de conforto ambiental, mesmo considerando o discurso de inserção da natureza na cidade como meio de melhorar a qualidade de vida do cidadão urbano. Contudo, há na produção de espaços urbanos modernos brasileiros bons exemplos que superam essas críticas, como a quadra ocupada pelo atual Palácio Capanema e demais projetos do Roberto Burle Marx, cuja produção caracterizou o paisagismo moderno de excelência. Dentre suas obras, há um projeto digno de reconhecimento por contar com qualidades projetuais associadas à implantação do projeto de arquitetura, desenvolvido por Jorge Machado Moreira: o Instituto de Puericultura da Cidade Universitária da UFRJ. Tal projeto relacionou, com maestria, necessidades do programa hospitalar com questões de conforto ambiental e, mais ainda, um caráter simbólico pouco explorada na produção moderna. Este trabalho de baseia na análise qualitativa do projeto original desenvolvido pelo Escritório Técnico da Universidade e tece considerações sobre as perdas geradas pelas transformações do entorno e possíveis caminhos à sua valorização e preservação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem Moderna, Patrimônio Cultural, Projeto Hospitalar

**ABSTRACT**

The urban open spaces produced by the modern movement were the target of incisive criticism. Among the negative aspects identified were: the abstraction resulting from functional city planning; the lack of human scale due to the prioritization of efficient automobile flow; and the absence of environmental comfort, despite the discourse on integrating nature into the city to improve urban quality of life. Nevertheless, Brazilian modern urban production offers significant examples that overcome these critiques, such as the urban block occupied by the current Palácio Capanema, particularly the landscape projects designed by Roberto Burle Marx, whose work represents an outstanding expression of modern landscape architecture. Among his projects, the landscape design for the Instituto de Puericultura at the Cidade Universitária of UFRJ deserves recognition for its strong integration with the architectural project developed by Jorge Machado Moreira. This project successfully articulates the requirements of a hospital program with environmental comfort strategies and, moreover, incorporates a symbolic dimension rarely explored in modern architecture. This paper presents a qualitative analysis of the original project developed by the Escritório Técnico da Universidade, discussing the losses caused by subsequent transformations in its surroundings and outlining possible strategies for its appreciation and preservation.

**KEYWORDS:** Modern Landscape, Cultural Heritage, Hospital Project

## 1 INTRODUÇÃO

A Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi o primeiro campus universitário projetado para a também primeira universidade no país. O local foi definido em 1945: um arquipélago de oito ilhas ao sul ao lado da Ilha do Governador (OLIVEIRA, 2005). O aterramento para unificação das ilhas iniciou em 1949, junto com a construção do primeiro edifício, inaugurado em 1º de outubro de 1953, o Instituto de Puericultura (atual Instituto de Puericultura Martagão Gesteira<sup>1</sup>, IPPMG) (Figura 1). O projeto e execução foram realizados pelo Escritório Técnico da Universidade (ETU), então dirigido pelo engenheiro Horta Barbosa (CZAJKOWSKI, 1999). Atualmente, os jardins do IPPMG e o painel de azulejo, também de autoria de Burle Marx, são tombados pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH, Decreto nº 30.936 de 04/08/2009).

Figura 1 - Vista do bloco A do IPPMG



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, 1953.

Trata-se de um projeto reconhecido internacionalmente: foi premiado na II Bienal de Arquitetura do Estado de São Paulo em 1953, na categoria de edifícios hospitalares (CZAJKOWSKI, 1999); incluído no catálogo da exposição *Latin American Architecture Since 1945*, realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1955 (HITCHCOCK, 1955); e listado pelo *International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement* (DOCOMOMO), organização internacional destinada a documentação e preservação de obras do movimento moderno.

A expansão da preservação das obras do movimento moderno se acentuou a partir da década de 1980, exigindo uma visão mais abrangente frente aos desafios teóricos e técnicos, principalmente quanto ao processo de reconhecimento e valoração desses patrimônios (CARVALHO, 2016). As ações de preservação do patrimônio moderno iniciaram apenas na década de 1990, através das ações de grupos de profissionais, como o que resultou na criação do DOCOMOMO, além dos próprios arquitetos vivos cujas obras foram ou estão em processo de patrimonialização (MACDONALD, 2013). O primeiro

---

<sup>1</sup> Homenagem ao médico Joaquim Martagão Gesteira, primeiro Diretor do então Instituto Nacional de Puericultura, criado em 1937 (PASTURA; OLIVEIRA, 2013).

exemplo de preservação dos edifícios modernos da saúde América Latina foi a mobilização popular contra a demolição do Hospital San José em Santiago (década de 1990). No Brasil, destaca-se a criação da Casa de Oswaldo Cruz, em 1986, destinada à salvaguarda da memória da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), cujo complexo conta com edifícios tombados, como o Pavilhão Mourisco e o moderno Pavilhão Arthur Neiva<sup>2</sup> (GEVÚ, 2017).

Este artigo integra uma pesquisa mais ampla de valoração enquanto bem cultural do IPPMG e seu complexo paisagístico. Neste contexto, a qualidade dos projetos arquitetônico e paisagístico tornou-se evidente e de grande significância. Entretanto, as modificações do entorno e a má conservação comprometem seu reconhecimento. A análise desses projetos baseou-se na pesquisa em documentos e registros fotográficos da construção e inauguração do IPPMG, complementada por uma revisão bibliográfica voltada a caracterização do projeto de paisagem moderno.

## 2 O PROJETO MODERNO E SEU IMPACTO NA PAISAGEM

O movimento moderno estabeleceu uma reversão na lógica de figura e fundo que compunha as cidades. O objeto do projeto deixa de ser os espaços livres (vazios) e torna-se as arquiteturas (cheios). Nos grandes planos conceituais<sup>3</sup>, os edifícios, organizados em setores funcionais e concebidos enquanto *tipos*, se distribuem por um território abstrato, majoritariamente limitado à um projeto viário voltado à máxima eficiência circulatória (FERREIRA, 2006). Discursava-se sobre a inserção da natureza na cidade, associada à melhoria da saúde do cidadão urbano. Contudo, ela aparece predominantemente de forma abstrata e conceitual, com poucas soluções projetuais efetivas, conforme é possível notar, por exemplo, no croqui de Le Corbusier para o Rio de Janeiro (Figura 2).

Figura 2 - Plano de Le Corbusier para o Rio de Janeiro



Fonte: © Fondation Le Corbusier, 1929.

<sup>2</sup> Pavilhão Mourisco: concluído em 1917 e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão federal, em 1981. Pavilhão Arthur Neiva: construído na década de 1940 e tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, órgão estadual, em 1998.

<sup>3</sup> Destacam-se dois projetos Le Corbusier: Plan Voisin (1923), proposta desenvolvida para Paris; e a Ville Radieuse (1930), estudo conceitual abstrato e replicável.



A teoria moderna foi fértilmente experimentada no Brasil. Entretanto, diferenças climáticas, socioeconômicas e construtivas, somadas à uma forte tradição arquitetônica colonial, resultou em uma produção menos industrializada, e sujeita à replicabilidade. Construiu-se, assim, uma produção arquitetônica moderna com uma identidade tropical singular, impactando também positivamente os espaços livres formados por esses edifícios e a paisagem que os abrangem, incorporando a natureza próxima às cidades. Dentre as experiências formais brasileiras, destacam-se: a dissolução entre interior e exterior; e a incorporação nos edifícios de manifestações artísticas nacionais, destacando-se o uso de murais em azulejaria, remetendo à tradição portuguesa, revisitada com motivos nacionais e padrões abstratos modernos (TELLES, 2010 [1983]).

Essas estratégias enfatizavam a ambiguidade entre edifício e espaços livres, estabelecendo a arquitetura como ponto de estruturação da paisagem do entorno. A relação figura (edifício) e fundo (espaços livres) segue mantida, porém observa-se um desejo de qualificação de fundo a partir da figura. Um projeto notório é o da equipe coordenada por Lúcio Costa para o Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), atual Palácio Capanema. Inaugurado em 1945, a equipe de arquitetos do projeto incluía Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão e Ernany de Vasconcelos (BRASIL, 2014). Cabe destacar o projeto estrutural de Emílio Baungart, os painéis em azulejos decorados de Cândido Portinari e o projeto paisagístico de Burle Marx.

A partir da implantação, programa e materialidade, os espaços livres do entorno ganham qualidades particulares, deste a manutenção da rua corredor, à praça seca, aos pilotis e ao jardim ricamente ornamentado com espécies vegetais. Esse êxito espacial se deve, notoriamente, aos assertivos canteiros de Burle Marx no nível térreo. Mesmo contendo menos elementos que os canteiros que compõe o jardim sobre o Salão de Exposições no 2º pavimento, eles são utilizados para distinguir os espaços livres criados pelo edifício do restante da área não edificada do entorno e enfatizar a sua diversidade.

O MESP é um exemplo da excepcionalidade da obra de Burle Marx. Sua produção uniu o domínio técnico e estético ao desejo de consolidação de uma identidade nacional através da valorização de espécies tropicais, com cores e formas em associações complexas, plástica e ecologicamente (CAVALCANTI, 2009). Seus projetos introduziram um viés ecológico e pedagógico, contraponto à abstração corbusiana dos espaços livres utópicos. Burle Marx atingiu a síntese das artes com a técnica ao colocar o projeto do jardim e da paisagem como uma categoria do projeto moderno nacional, com jardins específicos para a arquitetura e o sítio ao qual se relacionava (FLORIANO, 2007). Sua produção preencheu uma lacuna de escala no urbanismo moderno: seus jardins transicionam a racionalidade geométrica da arquitetura para a organicidade etérea da natureza.

Estes ganhos de qualidade na paisagem moderno, proveniente de escolhas arquitetônicas e da contribuição do paisagismo de Burle Marx são igualmente observados no projeto para o Instituto de Puericultura da UFRJ, onde se reproduziu a parceria de Jorge Moreira com Burle Marx. Tem-se um caso especialmente particular, principalmente considerando os partidos adotados para os demais edifícios projetos por Jorge Moreira, onde não apenas a arquitetura estruturaria a concepção dos espaços livres ao redor, como a também a própria paisagem circundante dos morros e ilhas do litoral da Baía de Guanabara impactariam escolhas de implantação e organização do programa (Figura 3).



Figura 3 – Vista geral da Cidade Universitária, com o IPPMG à frente

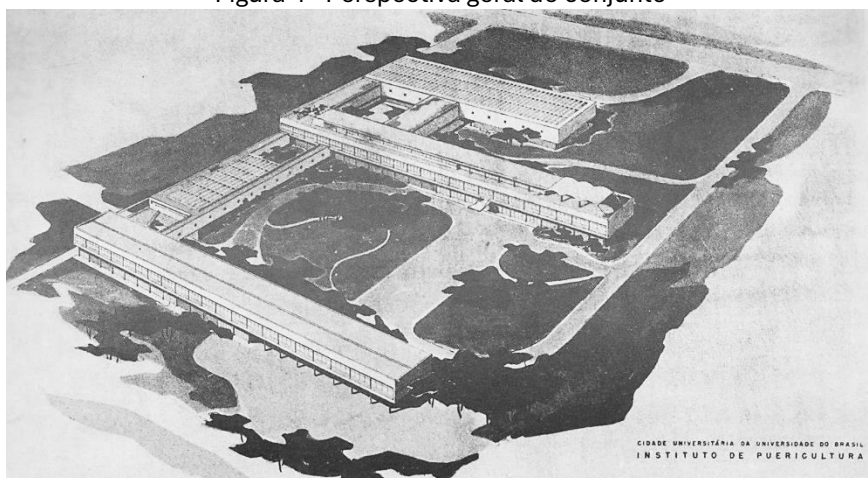


Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1960.

### 3 O PROJETO PARA O INSTITUTO DE PUERICULTURA DA UFRJ

O projeto do IPPMG sintetiza o anseio de atender as demandas funcionais do mundo moderno, expressa na utilização de uma modulação estrutural, materiais industriais e do concreto armado. Neste caso, um edifício de assistência à saúde e sede da cátedra de Puericultura da então Universidade do Brasil. Neste projeto, a racionalização construtiva e programática alcançou um alto nível artístico, representado pela rica composição do edifício com os jardins e seus elementos integrados, como os painéis de azulejos. Além da qualidade construtiva, o IPPMG possui uma série de especificidades que justificam seu reconhecimento enquanto um patrimônio moderno da saúde, incluindo aspectos positivos relacionados ao conforto dos pacientes. A avaliação a seguir se concentra nas qualidades espaciais e impacto na paisagem propiciados pela relação entre o edifício e seus espaços livres (Figura 4).

Figura 4 - Perspectiva geral do conjunto



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1950.

### 3.1 Impactos da tipologia *pavilhonar*

O projeto para o IPPMG integra um grupo ímpar na produção da arquitetura moderna hospitalar do período. Inicialmente, as arquiteturas dos edifícios da saúde estavam associadas à teoria da propagação dos miasmas – gases que carregavam doenças emanados de corpos doentes e putrefatos – valorizando-se a adoção de ventilação e iluminação natural nesses edifícios (MENDES, 2018). Associou-se à essa questão a necessidade de diferentes categorias de isolamento (inicialmente por gênero e, conforme o avanço científico da área da saúde, por diferentes tipos de doenças), propiciando a disposição pavilhonar amplamente adotado até o início do século XX (TOLEDO, 2020).

Esta tipologia permanece em plena utilização no começo do século XX com a construção dos modelos de *sanatórios*, destinados originalmente ao tratamento de tuberculose e outras doenças respiratórias. Alguns hospitais modernos mais inovadores e reconhecidos internacionalmente foram o Sanatório Zonnestraal (Jan Duiker e Bernad Bijvoet, 1925-1931), que se destacou pela sua economicidade material e máxima eficiência, e o Sanatório Paimio (Alvar Aalto, 1929-1933), devido à sua concepção que parte da escala humana do paciente (ARNAUT, 2020). Esta tipologia seguiu amplamente utilizada pelos arquitetos brasileiros que, a serviço do Estado, que resultou no ápice da construção de hospitais modernos no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950 (SEGRE, 2013).

Entretanto, já nesse período, o modelo deixa de ser empregado com a disseminação de tecnologias prediais, principalmente o elevador, que permite o aumento do número de pavimentos. Os edifícios da saúde passaram a ser planejados baseados nas teorias bacteriológicas e a englobar novos profissionais, resultando em uma nova tipologia que também seria amplamente utilizada no movimento moderno, adotada inclusive por Jorge Moreira no Hospital das Clínicas da UFRJ: o modelo de monoblocos verticais e a derivação mais comum no Brasil, com embasamento horizontal (MENDES, 2018). Projetando em um período de transição, Jorge Moreira não apenas adotou uma tipologia usual para o IPPMG, mas deliberadamente a escolhe ciente dos benefícios espaciais e climáticas aos usuários, como também das vantagens para a organização do completo programa que mescla saúde e educação e, mais ainda, como se verá adiante, nos impactos que a ocupação do edifício teria na paisagem ainda em construção da Cidade Universitária (Figura 5).

Figura 5 - Relação entre os espaços livres do IPPMG e a paisagem



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1950.

A escolha demonstra uma sensibilidade de Jorge Moreira em retomar o papel da arquitetura no processo de cura, valorizando qualidades locais favorecidas pelo ambiente litorânea pouco urbanizado, contribuindo para o tratamento dos pacientes e propiciando um conforto sensível através do contato com a natureza, aspecto explicitado nas perspectivas que ilustram o projeto. O arquiteto reconheceu e revalidou as qualidades arquitetônicas do modelo pavilhonar, tanto nas condições de iluminação e ventilação naturais quanto no contato direto com o meio ambiente natural (TOLEDO, 2020).

### 3.2 Norteadores da implantação do conjunto

Preservar a tipologia pavilhonar implicou em condições primárias na implantação do edifício. A primeira tem relação com sua altura: apenas 3 pavimentos (distribuídos em 4 níveis), compostos por alas com forte horizontalidade, espreiadas pelo terreno. Há algumas possíveis justificativas para este gabarito: (1) o reduzido de leitos necessários, devido à especificidade do IPPMG enquanto hospital pediátrico; e (2) a pretensão de se destacar o Hospital (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), por sua vez projetado como um edifício de enormes dimensões que consistiria em um marco visual para a CIDUNI (AMORA, 2018).

Cabe propor uma possível sensibilidade do arquiteto referente ao público/pacientes do IPPMG, crianças e adolescentes. Comparado ao Hospital, o IPPMG possui uma escala mais semelhante à uma escola do que há um edifício de saúde. A organização em pavilhões de baixa altura possibilitou uma ocupação mais ampla do território e estendendo, ao menos visualmente, os jardins do IPPMG até o litoral adiante, com edifício e espaços livres intrinsecamente relacionadas (Figura 6).

Figura 6 - A incorporação da paisagem no IPPMG



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1950.

A incorporação da paisagem como enquadramento da arquitetura foi um recurso utilizado no movimento moderno. Na década de 1950 no Brasil, esta relação torna-se indissociável, sendo o espaço exterior incorporado como um lugar interno, fazendo com que o olhar do expectador percorra de um para o outro e experimente uma sensação de incompletude

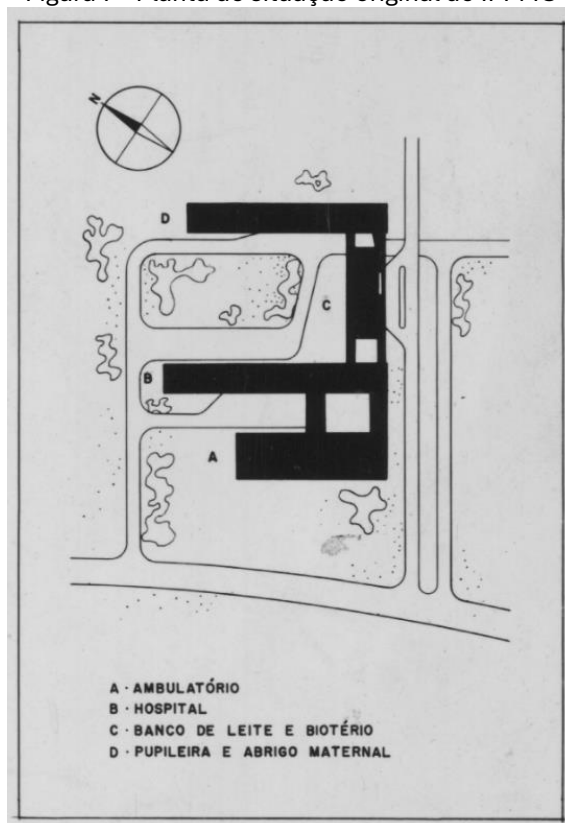


(Figura 38), buscando sempre o fundo, o através (TELLES, 2010). Cabe mencionar que uma das primeiras vias de acesso à Cidade Universitária se deu entre o IPPMG e o Hospital. Deste modo, a disposição da implantação em E atendeu, ao mesmo tempo, criar uma “frente” edificada para a rua de acesso conectar os jardins do instituto ao litoral adiante.

### 3.3 Estruturação e espacialização do programa

Cabe mencionar o papel do complexo programa, estruturado em quatro setores (Figura 7): ambulatório (A), hospital (B), banco de leite e biotério (C), pupileira e abrigo maternal (D). Cada setor corresponde a um bloco, com diferentes dimensões e tratamentos da fachada. Aproveitou-se do declive do terreno para evidenciar a distinção dos dois blocos na cota mais alta (blocos A e B), destinados ao atendimento e tratamento de crianças enfermas, com o bloco D, destinado ao abrigo maternal e às crianças saudias. Uma ala transversal (bloco C) liga todos os setores, onde estavam localizados o Banco de Leite e o Biotério.

Figura 7 - Planta de situação original do IPPMG



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1950.

As circulações tiveram especial atenção, separando funcionários e público, evidente no bloco do Ambulatório (A) que possui uma circulação na periferia do pavimento exclusiva para os médicos (iluminada pelas pequenas esquadrias quadradas que se destacam na volumetria), enquanto o público acessa o salão de espera central por uma rampa externa. Também se previu acessos distintos para os pacientes por nível de contágio. Essa diversidade de acessos constitui um aspecto importante para favorecer a apropriação dos jardins e a valorização do complexo do IPPMG como um todo, apontada mais adiante.

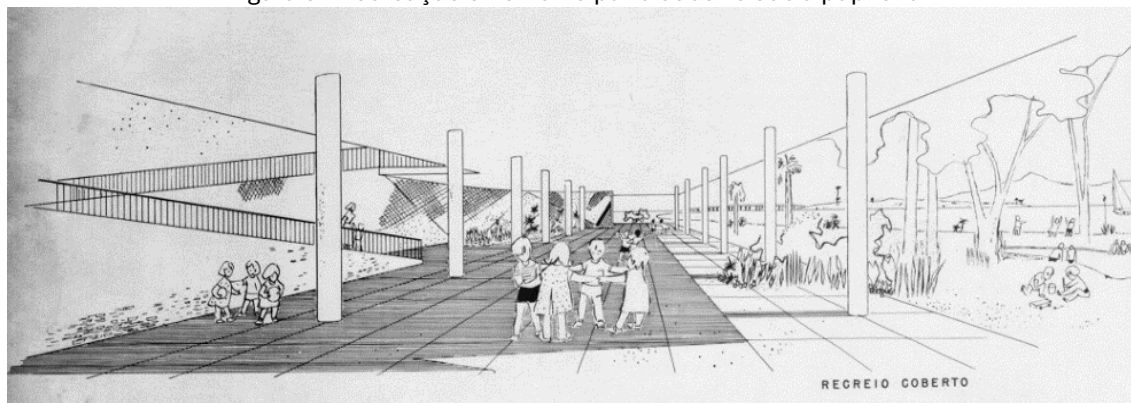


### 3.4 A função contemplativa e curativa dos espaços livres

Para os edifícios de assistência à saúde, a decisão acerca do local de instalação do edifício possuiu uma dupla complexidade: ao mesmo tempo em que deve estar integrado à malha urbana, facilitando o acesso, o ambiente do local – pelo menos até a primeira metade do século XX, quando ainda não era empregado sistemas de climatização e ventilação artificiais – deveria propiciar a qualidades necessárias e ventilação, iluminação e temperatura adequadas para o conforto dos pacientes, aspectos geralmente associados a locais afastados dos centros urbanizados.

Neste contexto, os jardins assumiam um papel conciliador, atuando como conexão do edifício com a malha urbana e favorecendo as condições ambientais adequadas para os pacientes (AMORA, 2018). Os espaços livres no entorno imediato dos edifícios hospitalares também contribuem para o bem-estar mental dos pacientes e funcionários, construindo a paisagem que será assimilada do interior do edifício e constituem locais de contemplação e descanso (AMORA, 2018), aspectos claramente conhecidos pelos responsáveis pelo projeto do IPPMG, conforme inúmeras perspectivas existentes que evidenciam a relação dos usuários com a paisagem (Figura 8).

Figura 8 - Recreação externa no pátio coberto sob a pupileira



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1950.

Essa integração entre interior artificial e exterior natural é acentuada pela escolha das vegetações utilizadas no paisagismo. O projeto original previa a utilização de 77 espécies vegetais (COSTA, 2013). Essa diversidade cria uma diversidade de composições que remetem à arranjos naturais, mas sem nunca negar o aspecto de artificialidade. Cabe destacar o papel das palmeiras, empregadas em grupos em alguns pontos focais dos jardins, criando uma relação imagética com as praias do entorno (Figura 9).

A rigidez cartesiana é contraposta em alguns momentos, como em planos em ângulo e nas abóbadas do terceiro pavimento. A ortogonalidade também é responsável pelo forte contraste com os canteiros dos jardins, adquirindo ao conjunto um aspecto de artificialidade, diferente das naturezas originais intocáveis que compunham o fundo de grande parte dos projetos de Le Corbusier. O conjunto apresenta uma linguagem coesa e expressiva, resultado esse obtido através da repetição de padrões (mesmo com tratamentos diferenciados), como as esquadrias verticalizadas no térreo, e nos acabamentos, como as paredes em pedra e os painéis de azulejo (CZAJKOWSKI, 1999).

Figura 9 - Fachada nordeste do Hospital (bloco B)



Fonte: NPD-FAU-UFRJ, década de 1950.

O resultado das inegáveis qualidades dos projetos arquitetônico e paisagístico, e da bem sucedida contribuição entre ambos é um conjunto em que figura e fundo são pouco distinguíveis. Sem nunca negar a artificialidade, cria-se a sensação de que edifício e entorno são frutos de uma única matriz criadora, uma paisagem moderna.

#### **4 O ESTADO DE CONSERVAÇÃO ATUAL E CAMINHOS À SUA PRESERVAÇÃO**

Os espaços livres desempenham um papel importante na construção e compreensão da imagética dos patrimônios edificados (TÂNGARI; SILVA, 2016) e constituem não apenas o plano de fundo sobre o qual o bem se insere, mas um meio de diálogo entre o edifício e paisagem. Esta transição era evidente no projeto original, visto que os espaços livres eram compostos por jardins com uma geometria orgânica que fazia a transição da ortogonalidade do edifício com a paisagem natural do litoral da Cidade Universitária. Atualmente, os espaços livres do IPPMG foram reduzidos devido a construções de vias e da estação do BRT, alterando-se sua configuração original de espaços integrados entre si e à paisagem para meros jardins isolados, delimitados por cercamentos realizados. O complexo paisagístico originalmente expressivo e fortemente ligado à paisagem, atualmente corresponde à espaços residuais (Figura 10).

Figura 10 – Vista aérea do IPPMG e entorno atual



Fonte: foto de Leonardo Santos, 2018.

Entretanto, esses jardins possuem um forte potencial para a valorização patrimonial do IPPMG pois constituem um destino em si próprios para os usuários da Cidade Universitária, uma vantagem para o IPPMG visto que, devido ao seu uso hospitalar, o público que o utiliza é restrito e estabelece uma relação específica com o bem enquanto hospital, pouco associada à uma valorização cultural. Portanto, os espaços livres podem atrair todo um público que não possui relação com as atividades do hospital.

Analisando o entorno atual, nota-se que a redução de área teve um forte papel na descaracterização da paisagem original (**Erro! Fonte de referência não encontrada.11**), prejudicando, inclusive, na percepção do edifício em si, tornando praticamente impossível que se tenha, atualmente, a compreensão em sua totalidade. A diminuição dos jardins ao redor do edifício, somado à construção de vias de fluxo intenso de veículos, prejudicou o conforto ambiental do local – incluindo a qualidade do ar e os níveis de ruídos – reduzindo o papel do contato com o exterior nos processos de cura dos pacientes.

Figura 11 – Planta de situação atual



Fonte: desenho de Leonardo Santos, 2020.

Apesar da perda significativa, grande parte dos atributos que preservam a autenticidade do IPPMG e seus valores estão mais evidentes em elementos externos, principalmente devido às inúmeras transformações e intervenções realizadas no interior para manutenção de suas atividades. Desta forma, a recuperação do entorno imediato do IPPMG pode ampliar o número de usuários do IPPMG e da Cidade Universitária que estabelecem alguma relação com o edifício e seus espaços livres, potencializando seu reconhecimento como um bem cultural, sendo uma oportunidade de complexificar as relações entre os usuários e o bem, transcendendo a questões apenas utilitárias e passando a, de fato, reconhecer o IPPMG e seu entorno como uma paisagem cultural moderna.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise possibilitada pelo acervo de desenhos, imagens e ilustrações originais do Instituto de Puericultura da UFRJ reafirmou suas qualidades enquanto estruturador da paisagem em processo de construção. Constitui um expoente ímpar na construção de uma paisagem moderna. Além do indiscutível êxito da contribuição de Roberto Burle Marx, deve-se ao desenvolvimento intrínseco da arquitetura e espaços livres a realização de seu potencial expressivo.

O estudo enfatizou que o projeto de arquitetura e paisagismo são indissociáveis e que ambos devem ser alvo de urgente ação de preservação. Demonstrou, na produção nacional, uma qualidade propositiva superior à abstração setorial dos primeiros planos modernos europeus, ao considerar no desenvolvimento do projeto não apenas o impacto do edifício na paisagem, como também da paisagem na concepção do edifício, desde sua estruturação programática até a composição plástica de suas fachadas.

Este trabalho foi fundamental no processo de valoração do IPPMG enquanto um patrimônio moderno da saúde, evidenciando a recuperação de seus espaços livres como uma importante ação estratégica na preservação do bem e na qualificação do entorno imediato. Contudo, o tardio reconhecimento de seu valor cultural, a prematura exposição a transformações inadequadas em seu entorno e a constante precária conservação constituem obstáculos à sua preservação, sendo apenas parcialmente reversíveis.

A partir de 2026, a UFRJ se encontra mais próxima da revisão de seu Plano Diretor Institucional e pesquisas como esta podem contribuir à melhores diretrizes de preservação do acervo moderno da Cidade Universitária. Nesta perspectiva, evidencia-se a necessidade de avaliações dos demais edifícios do Plano Geral Original, não apenas a já tombada sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, mas também o Centro de Tecnologia e o Hospital Universitário, sendo este um caminho para que se tenha não apenas um conjunto de bens edificados, mas uma efetiva paisagem universitária moderna.

## REFERÊNCIAS

AMORA, Ana Albano. **The garden in the modern hospital architecture of the “Carioca School” in Rio de Janeiro, Brazil**. *Gardens and Landscapes*, Lisboa, n. 5, p. 22–38, 2018.

ARNAUT, Daniela. **Cure and care at the cradle of innovation**. *Docomomo Journal*, Lisboa, n. 62, p. 4–5, 2020. Disponível em: [https://www.docomomo.com/wp-content/uploads/2021/01/DocomomoJournal62\\_2020\\_DArnaut.pdf](https://www.docomomo.com/wp-content/uploads/2021/01/DocomomoJournal62_2020_DArnaut.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. **Palácio da Cultura – Antiga sede do Ministério da Educação e Saúde (RJ)**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/825>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CARVALHO, Cláudia Suely R. de. **Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos**. In: RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; NÓBREGA, Cláudia Carvalho L. (org.). *Projeto e patrimônio: reflexões e aplicações*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016. p. 239–253.

CAVALCANTI, Lauro. **Roberto Burle Marx 100 anos: a permanência do instável.** In: CAVALCANTI, Lauro; EL-DAHDAH, Farés (org.). Roberto Burle Marx 100 anos: a permanência do instável. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 44–61.

COSTA, Lucia M. **Os jardins de Roberto Burle Marx para o Instituto de Puericultura da UFRJ.** In: RODRIGUES, Ana Lúcia de Mello et al. (org.). Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – 60 anos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 34–36.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Jorge Machado Moreira.** Rio de Janeiro: CAU-RJ, 1999.

FERREIRA, Flávio. **Do modernismo à contemporaneidade.** In: GUIMARAENS, Cêça (org.). Arquitetura e movimento moderno. Rio de Janeiro: PROARQ, 2006. p. 91–99.

FLORIANO, César. **Roberto Burle Marx: jardins do Brasil, a sua mais pura tradução.** Esboços: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 13, n. 15, p. 11–24, 2007.

GEVÚ, Nayara Vasconcelos. **Projeto de intervenção para o pavilhão Arthur Neiva/FIOCRUZ: estudo da vibração e do ruído rodoviário como fator de dano em bem moderno tombado.** 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

HITCHCOCK, Henry-Russell. **Latin American architecture: since 1945.** Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1955.

MACDONALD, Susan. **Conserving concrete.** Conservation Perspectives: The GCI Newsletter, Los Angeles, v. 34, n. 2, p. 4–9, 2019. Disponível em: [http://www.getty.edu/conservation/publications\\_resources/newsletters/pdf/v34n2.pdf](http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/newsletters/pdf/v34n2.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

MENDES, Ana Carolina. **Plano diretor físico hospitalar: uma abordagem metodológica frente a problemas complexos.** Londrina: Kan, 2018.

OLIVEIRA, Antonio. **O Instituto de Puericultura e a Cidade Universitária da Universidade do Brasil.** In: RODRIGUES, Ana Lúcia de Mello et al. (org.). Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – 60 anos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 10–13.

PASTURA, Giuseppe; OLIVEIRA, Isabel. **Cronologia do ensino da pediatria no Brasil.** In: RODRIGUES, Ana Lúcia de Mello et al. (org.). Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – 60 anos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 20–22.

SEGRE, Roberto. **Hospitais: arquitetura da linha da sombra.** Resenhas Online, São Paulo, ano 12, n. 134.02, fev. 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.134/4607>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TÂNGARI, Vera Regina; SILVA, Jonathas Magalhães P. da. **A importância dos espaços livres na valorização do patrimônio edificado.** In: RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; NÓBREGA, Cláudia Carvalho L. (org.). Projeto e patrimônio: reflexões e aplicações. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016. p. 329–352.



TELLES, Sophia S. **A arquitetura modernista**: um espaço sem lugar. In: GUERRA, Abílio (org.). Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010 [1983]. p. 23–34.

TOLEDO, Luiz Carlos. **Feitos para curar**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.